

Zoongan e Oshki

Uma história em honra ao Ano Novo Chinês – 2019

O zodíaco chinês é baseado em um ciclo de doze anos, no qual cada ano é associado com um animal específico. Acredita-se que tanto o ano como as pessoas nascidas naquele ano, têm as qualidades do animal correspondente.

Neste ano, pelo calendário lunar, o Ano Novo Chinês acontece na terça-feira, dia 5 de fevereiro. Esse dia sinaliza o início do Ano do Porco, que é o décimo-segundo ano em um ciclo de doze anos do zodíaco. É dito que as pessoas nascidas no Ano do Porco são generosas, amáveis, confiáveis e sinceras.

Muitas luas atrás, às margens de um grande lago na América do Norte, havia dois porquinhos procurando por comida. Eles eram irmãos, ainda filhotes e embora fossem um pouco magros, eram irresistivelmente adoráveis.

Apesar da fome, eles brincavam com bom humor. Rolavam na lama, esfregavam o focinho rosado um no outro, olhando os tufos de grama em volta deles com muito interesse. Certamente, algumas daquelas plantas deveriam ser boas para mastigar.

Justo quando encontraram um tufo de grama verde que parecia promissor, ouviram um barulho estranho, vindo de algum lugar desconhecido. *Plonc. Plonc. Plonc.* Os porquinhos pararam e espiaram em volta. O que poderia ser?

Plonc. Plonc. Plonc. Lá estava de novo, o tal som, e agora parecia mais alto. Os porquinhos correram para trás do tufo de grama, e se agacharam o máximo possível. E se entreolharam, com os olhos arregalados.

E então ... nada. Silêncio.

O maior dos dois, cautelosamente, deu um passo à frente. Enfiou seu focinho na grama quando de repente – *whuush!* Um grande bastão de madeira veio brandindo em sua direção. Ele grunhiu e caiu de costas sobre seu irmão.

Enquanto os porquinhos saíam correndo, viram um par de olhos grandes e brilhantes espiando na sua direção. O rosto de uma mulher idosa logo entrou em foco – parecia tão cheia de bondade, quanto de rugas. Pendurado em seu braço havia um cesto de palha negra, cheio de folhas de pinheiro pontiagudas.

— Oh, olá! — disse a mulher, puxando de volta sua bengala. — Quem são vocês? Estão sozinhos aqui, seus pequeninos?

Os leitões piscaram de volta. Ela examinou os arredores; não parecia haver nenhuma mamãe porca à vista.

— Venham, então, entrem no meu cesto. Parece que vocês estão com fome. Vou levá-los para minha casa em Peshawbestown, a aldeia vizinha, e vou alimentá-los da melhor maneira possível.

Sua voz era gentil e tranquilizadora. Os porquinhos começaram a ir em sua direção, por pura curiosidade.

— Venham — ela disse novamente, fazendo cosquinha atrás de suas orelhas. Ela os ajeitou em cima da cama macia de folhas de pinheiro que tinha apanhado e depois todos foram embora na direção de Peshawbestown.

Enquanto caminhava, a mulher embalava o cesto que estava em suas mãos. Por muitos anos ela viveu sozinha e apesar de ter se acostumado com a sua existência solitária, bem lá no fundo era infeliz. Ela ansiava por companhia. Conforme olhou para os dois porquinhos, sentiu algo se movendo em seu coração, um calorzinho se espalhando por algumas partes de seu ser que por tanto tempo haviam permanecidos frios e negligenciados. Tudo que queria, naquele momento, era fazer uma boa refeição quente para eles.

Quando chegaram à cabana onde morava, foi exatamente o que ela fez. Preparou um mingau de farinha de milho e ficou observando enquanto eles se lambuzavam avidamente, o som de suas bufadas felizes enchendo a casa. Quando terminaram, ela arrumou uma cama de palha e cantou suavemente para eles, enquanto adormeciam.

Ao amanhecer da manhã seguinte, a anciã sentou-se do lado de fora de sua cabana e observou enquanto os porquinhos exploravam o campo aberto ao redor. Raios de sol tremulantes brincavam sobre a grama, e os porquinhos se aqueciam com o seu calor. Por alguns momentos, a mulher manteve o olhar distraído sobre eles, a boca formando um leve sorriso. Foi então que se deu conta: ainda não havia lhes dado nomes!

Depois de revolver diversas opções em sua cabeça, finalmente tomou uma decisão. Eles seriam conhecidos como Zonngan e Oshki.

Sob os cuidados da anciã, os porquinhos cresceram rapidamente. Tornaram-se fortes e saudáveis e seu temperamento permaneceu doce como sempre. Principalmente Zoongan, parecia ter um jeito especial. As vezes a velha senhora achava que ele entendia mais do que deixava transparecer.

Um dia, cerca de seis meses depois que Zoongan e Oshki passaram a morar com ela, houve uma grande festa na aldeia. Era um pouco barulhento demais para a mulher participar, mas as pessoas da aldeia vieram cumprimentá-la e lhe trouxeram um pouco de comida.

Ela não deu muita importância ao fato, até que, no meio da tarde, três homens grandalhões e fortes apareceram na sua porta.

Um dos homens deu um passo adiante.

— Avozinha, Nookomis, não pudemos deixar de notar seus porcos quando passamos por aqui. Parecem tão fortes! Felizes! Foi você mesma quem os criou?

A anciã ficou lisonjeada.

— Gentileza sua me dizer isso — ela disse. — Bem, sim, eu os criei desde que eram leitõezinhos. Aquele maior — e apontou para Zoongan, que estava empoleirado do lado de fora da tenda, olhando cautelosamente — é Zoongan. E seu irmãozinho, que vem vê vindo agora do campo, é Oshki.

— Bem, você fez um grande trabalho cuidando deles. Eles são os melhores porcos que já vimos. — O homem olhou para seus companheiros, que assentiram vigorosamente. — Agora eles estão totalmente crescidos, certo?

— Ah, sim — a senhora respondeu. — Mas vocês deveriam ter visto o estado deles quando os encontrei. Tão magrinhos, tão pequenos! No entanto, consegui fazê-los engordar bastante. Sim, eu diria que eles estão ótimos.

— Nishin, bom, muito bom — disse o homem, um tanto distraído. Seus olhos estavam fixos em Zoongan.

E de novo se dirigiu para a senhora.

— Nookomis, você não gostaria de fumar com a gente? É dia de festa, e seria uma honra para nós oferecer um pouco de tabaco a você.

Com alegria a senhora aceitou. Na aldeia deles, era um costume sagrado oferecer tabaco. Além do mais, esses homens pareciam ser tão gentis. Ela então chamou seus convidados para entrarem na cabana e lhes ofereceu assento.

Após alguns minutos, um dos homens disse:

— Nookomis, esses porcos que você tem são realmente lindos.

A senhora olhou para ele. Por alguma razão ela não conseguia distinguir o rosto dele — tinha ficado tudo embaçado diante de seus olhos. De repente, sua mente ficou nebulosa. Se ela tivesse conseguido entender melhor a situação, teria descoberto que havia alguma coisa errada com o tabaco que eles lhe ofereceram, que estava misturado com algum tipo de droga — que esses homens, na verdade, não eram bem-intencionados.

Seu cabeça, contudo, estava muito debilitada para tirar essa conclusão.

— Hmmm? — era o que ela conseguia dizer.

— Seus porcos, Nookomis.

A essas alturas, os olhos da velha senhora estavam fechados. Ela sorria para si mesma. Por fim, ela abriu a boca como quem ia falar — mas começou a cantar, extremamente desafinada.

— Bom, bom, está tudo bom... — ela cantava distraidamente.

O homem viu a sua chance.

— Por favor, Nookomis, você pode nos vender um de seus porcos?

A senhora continuava a cantar.

— Bom, bom, é tão bom...

— O menor? — perguntou o homem. Ele não queria arriscar a sorte, para que a velha senhora não recuperasse os sentidos.

— Bom, bom, tudo é tão bom...

— Ótimo. Então, você vai pegá-lo? — perguntou o homem. Ele estendeu a sua mão.

Ainda em seu devaneio, a senhora agarrou a mão dele, e cambaleante ficou de pé. O homem foi dirigindo a mulher até a porta da cabana, onde ela começou a chamar:

— Oshki! Oshki! Venha até aqui!

Por algum tempo, os porcos ficaram escondidos na grama ao lado da cabana. Eles ouviram toda a conversa da velha senhora com esses homens e seus olhos se arregalavam a cada palavra pronunciada. Quando a senhora chamou Oshki pelo nome, ele olhou para o irmão com uma expressão temerosa.

— Essas pessoas que vieram são estranhas, meu irmão. Eu não quero que eles me levem embora. O perigo me aguarda. — A boca de Oshki começou a tremer.

Zoongan esfregou sua cabeça contra a cabeça do irmão e disse, com grande doçura:

— Sinto muito, Oshki. Não posso mudar o seu destino, por mais que eu quisesse. No entanto, isto eu posso lhe dizer. Aonde quer que você vá, aconteça o que acontecer, não se esqueça de se banhar na fonte d'água. Banhe-se nessa fonte d'água, e você encontrará um perfume tão aromático como o óleo de cedro, um perfume que nunca desvanece.

A senhora ainda estava de pé na porta da cabana quando Zoongan disse isto. A droga misturada ao tabaco estava gradualmente desaparecendo. Quando ela ouviu as palavras do porco, elas lhe atravessaram o coração.

Com os olhos cheios de lágrimas ela se virou para os homens que ainda estavam na cabana. Boquiabertos, os homens olhavam para ela, com as sobrancelhas franzidas. Eles também ouviram as palavras de Zoongan. Um porco, falando em enigmas e paradoxos! O que pensar dele?

— Por favor vão embora, — disse a senhora com a voz firme. — Meus porcos não existem para serem comprados por vocês ou qualquer outra pessoa.

Os homens não protestaram. Resmungaram uma desculpa, e então balbuciaram algo sobre precisar ir embora. Saíram zonzos, mas não sem um último olhar espantado para a senhora e seus porcos.

As notícias viajavam rápido na aldeia, e logo o chefe, ou Mestre da Aldeia, ouviu o que tinha ocorrido. Curioso, ele convidou a velha senhora e seus porcos para irem à cabana onde morava com sua família.

Ele os recebeu atenciosamente, oferecendo-lhes um belo banquete, e então explicou o que lhe passava pela mente.

— Eu ouvi dizer que você, Zoongan, recentemente demonstrou grande sabedoria. Porém o que disse me parece muito misterioso. ‘Banhe-se na fonte d’água e descubra o perfume que nunca se dissipa’. O que isso significa?

Zoongan sorriu para o Mestre da Aldeia e respondeu:

— A fonte d’água é o amor, e o amor é a fragrância que jamais se dissipa. Eu estava dizendo ao meu irmãozinho para não ficar triste mesmo se aquela fosse a sua hora de deixar o mundo. Tivemos uma vida tão boa com Nookomis. Ela nos mostrou o que é o amor. Eu queria que Oshki entendesse que mesmo quando o corpo deixa de existir, esse amor que viemos a conhecer — esse amor que nos rodeia, e que de fato está dentro de nós, nossa própria essência e conexão com todas as coisas — não pode ser destruído.

Por um instante o Mestre da Aldeia ficou em silêncio, e então balançou a cabeça — uma, duas, três vezes — em sinal de aprovação.

— Você é realmente sábio, Zoongan — disse ele. — E não posso deixar de pensar que seus conselhos seriam de valor inestimável para os assuntos da aldeia. Você gostaria de viver com a minha família na minha cabana? Na verdade, todos vocês deveriam se juntar a nós — eu ficaria muito honrado se seu irmão e Nookomis também vivessem aqui.

E assim foi. Os dois porcos e a gentil velhinha que os tinha adotado viveram o resto de seus dias com o Mestre da Aldeia e sua família. Eles viveram com conforto e um propósito — sua bondade e sabedoria, sua humildade e sinceridade, serviam de exemplo e de inspiração para todos que cruzavam seu caminho.



© 2019 SYDA Foundation®. Todos os direitos reservados.

Recontado por Eesha Sardesai

Esta história é inspirada em um dos contos de Jataka, uma coleção de fábulas e histórias sobre as diversificadas encarnações do Senhor Buddha.